

ARTE AFRO: VENCENDO PRECONCEITOS

Professor Felipe Augusto Michelini da Silva

ARTE AFRO: VENCENDO PRECONCEITOS

NOSSA ESCOLA, NOSSO QUINTAL

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande.”
(Manoel de Barros)

O projeto “Arte Afro: vencendo preconceitos” foi realizado na EMEF José Maria Whitaker, durante todo o ano letivo de 2019, nas aulas de artes, com estudantes dos 5ºs anos A, B e C, contemplando 90 crianças.

Nossa escola localiza-se em São Mateus, zona leste, região periférica da cidade de São Paulo. Bairro onde nasci, vivi e hoje atuo como professor e artista. Muitos(as) de nossos(as) estudantes vivem em situação de vulnerabilidade social, com questões de moradia, problemas nas relações familiares e dificuldade de renda. Às vezes a realidade na escola é difícil, com falta de estrutura e recursos para as aulas. Ainda assim, nos seguramos uns aos outros, sempre em busca de uma educação pública de qualidade e espaços de trocas profundas com nossos(as) estudantes.

Lecionando há dois anos nesta escola, eu vinha observando as crianças e percebendo uma grande dificuldade de entendimento de sua própria identidade, bem como um comportamento agressivo e pejorativo, em especial em um aspecto: com relação à identidade negra. Assim, percebi a necessidade de trabalhar com as turmas de 5º ano um projeto que valorizasse a cultura negra à partir das diferentes linguagens artísticas. Abordando a arte africana e afro-brasileira, buscamos entender o racismo estrutural e suas diferentes formas de ação na nossa linguagem, nas nossas referências de arte, padrões e comportamentos, para então eliminar práticas preconceituosas em nossa convivência. E o resultado foi muito além do esperado.



Entrada da EMEF José Maria Whitaker



Evento de encerramento do ano, com estudantes na quadra

ARTE AFRO: VENCENDO PRECONCEITOS

JUNTOS A GENTE MUDA O MUNDO: TRÊS OBJETIVOS CENTRAIS

O projeto teve três objetivos principais. O primeiro foi de desconstruir, por meio da arte, atitudes preconceituosas e racistas dentro do espaço escolar, partindo da prática artística, de conversas e debates. Tendo como base o protagonismo dos estudantes nas discussões, a ideia foi abordar a maior variedade possível de artes dentro da temática africana e afro-brasileira, trabalhando artes visuais, dança, música, contação de histórias, recursos audiovisuais, literatura e a pluralidade de criações artísticas.

Assim, tivemos a oportunidade de entender as múltiplas culturas à partir de vivências no nosso próprio corpo, na prática, por meio de cantos, danças e brincadeiras. Aqui trabalhamos com a possibilidade de ampliação do imaginário artístico e filosófico das crianças, tendo aproximações com formas de viver o mundo que se opõe aos padrões europeus e norte-americanos impostos em nosso dia a dia.



Brincadeira “Pegue a Cauda”, da Nigéria.

“Gente, só é feliz
Quem realmente sabe, que a África não é
um país
Esquece o que o livro diz, ele mente
Ligue a pele preta a um riso contente”
(Emicida – música *Mufete*)



Reconhecendo os países de origem das brincadeiras



Visita ao Museu Afro Brasil

ARTE AFRO: VENCENDO PRECONCEITOS

JUNTOS A GENTE MUDA O MUNDO: TRÊS OBJETIVOS CENTRAIS

O segundo objetivo foi valorizar a cultura negra presente na sala de aula e na escola, estimulando os(as) estudantes a conversarem com suas famílias, a contribuírem com histórias e vivências durante as aulas, enaltecendo a diversidade, elevando a autoestima de alguns e possibilitando mais representatividade no estudo das artes.

O terceiro objetivo foi o de reescrever a história da arte, superando o discurso hegemônico de poder, problematizando a escrita da história à partir de uma visão europeia. Abordando uma perspectiva decolonial na forma de estudar a arte africana e afro-brasileira, ampliamos juntos nossos repertórios de artistas, obras e histórias. Assim, buscamos abandonar a visão de que a contribuição africana para o Brasil foi apenas de mão de obra, entendendo a importância profunda de pessoas africanas como principal fonte de inteligência para a construção de pensamentos, de criação de arte, cultura e desenvolvimento da sociedade brasileira.

*“Mil nações moldaram minha cara
Minha voz, uso para dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala
O meu país é meu lugar de fala!”*

(Douglas Germano – interpretado por Elza Soares na música *O que se Cala*)



Visita ao Museu Afro Brasil

CAMINHANDO PARA A DESCONSTRUÇÃO: UM PASSO DE CADA VEZ

*“Ah, comigo o mundo vai modificar-se.
Não gosto do mundo como ele é.”*
(Carolina Maria de Jesus)

O projeto foi realizado em aproximadamente 40 aulas, em diferentes espaços da escola e no Museu Afro Brasil. Relatarei a seguir as atividades e artes envolvidas, separando-as por bimestres. É importante lembrar que a ideia do projeto foi abordar a pluralidade de manifestações artísticas, e muitas vezes as aulas envolviam diferentes artes em uma mesma atividade. Eu sabia que seria necessário encantar as crianças com a temática, criando momentos de prazer e diversão durante as aulas, transformando os conteúdos em brincadeiras. Abaixo a descrição dos procedimentos e atividades realizadas.

1º Bimestre – O que você sabe sobre África?

- História do continente Africano – A África não é um país! Estudo do mapa da África, pintura dos países. Estudo das histórias do continente africano à partir de uma perspectiva decolonial.
- Trabalho com contações de histórias e a arte dos Griots. Contação das histórias “A Força da Palmeira”, de Anabella Lopez, e “Obax”, de André Neves.
- É África ou não é África? – Quebramos preconceitos à partir de referências visuais de grandes cidades, centros de pesquisa científica, ampliando a visão de que os países africanos são compostos apenas por savanas.
- Brincadeiras Africanas – Com base na “Apostila de Jogos e Brincadeiras Africanas”, produzida por Daniela Alfaia da Cunha e Cláudio Lopes de Freitas, disponibilizada pelo site Geledés, aprendemos e brincamos juntos das brincadeiras: Terra-mar (Moçambique), Mamba (África do Sul), Da Ga (Gana e Nigéria), Pegue a Cauda (Nigéria) e Kameshi Mpuku.
- Brincadeiras musicais – Com base no livro “Música Africana na Sala de Aula - Cantando, Tocando e Dançando Nossas Raízes Negras”, de Lilian Abreu Sodré, aprendemos a música “Chai, Chai”, da África do Sul.
- Quiz de arte africana – Ao final do bimestre, realizamos um QUIZ de arte africana, onde as crianças se dividiam em equipes e respondiam a perguntas do professor.



Brincadeira “Terra-Mar”, de Moçambique.



Brincadeira “Pegue a Cauda”, da Nigéria.

Trabalhar com brincadeiras africanas foi libertador. Poder romper as paredes da sala de aula e utilizar novos espaços da escola para assimilação do conhecimento em nossos corpos deu sentido à minha prática docente. Após o trabalho realizado, vi muitos(as) estudantes brincando das brincadeiras que aprendemos durante o intervalo, na entrada e saída da escola, durante todo o ano.*



Brincadeira “Mamba”, da África do Sul.

O trabalho com a música foi incrível. Utilizamos alguns instrumentos de brinquedo que encontramos na escola, aprendemos sobre ritmo, e os(as) estudantes adoraram tocar e cantar a música Chai, Chai. Houve um momento maravilhoso, em que as crianças se empolgaram, começaram a tocar funk, e cantaram Chai,Chai no ritmo do funk. Fiquei arrepiado. Conversamos sobre o funk fazer parte também do movimento das artes negras. Ver aquelas meninas e meninos dançando e tocando suas histórias e trajetórias, misturando saberes dos antepassados com suas realidades de vida, me fez perceber que estávamos no caminho certo.*

**Reflexões do professor*



Explicação sobre os países de origem das brincadeiras.

CAMINHANDO PARA A DESCONSTRUÇÃO: UM PASSO DE CADA VEZ

2º Bimestre – Artistas e artes afro-brasileiras

No segundo bimestre a ideia era que os(as) próprios(as) estudantes pudessem ser pesquisadores(as) e exercessem sua autonomia dentro do nosso projeto de estudos. Minha proposta foi a de atuar na mediação do conhecimento que seria pesquisado pelas crianças.

Assim, as turmas foram divididas em grupos, e cada grupo escolheu um(a) artista para pesquisar (durante as aulas de informática), criar um cartaz artístico e fazer uma apresentação para a turma. Cada grupo apresentou as descobertas sobre suas pesquisas e assistimos juntos a vídeos sobre cada artista, discutindo suas obras, importância, histórias de vida e temáticas que trabalhavam. O roteiro de estudos proposto aos estudantes foi:

Quem foi esse(a) artista? (história de vida)

Onde viveu?

Quando viveu?

Que tipo de arte fazia?

Qual a sua importância para a arte brasileira?

Quais são suas principais obras?

Uma foto da pessoa.

*“A minha atitude escorre no tom da minha pele
A minha negritude é raça sem contestação
Quando eu danço, palpita ligeiro
O alegre coração de um batuqueiro
Sou rainha, sou rainha,
Eu sou a Tia Cida dos Terreiros
(Tia Cida do Samba – Matriarca do berço do
samba de São Mateus, nosso bairro)*

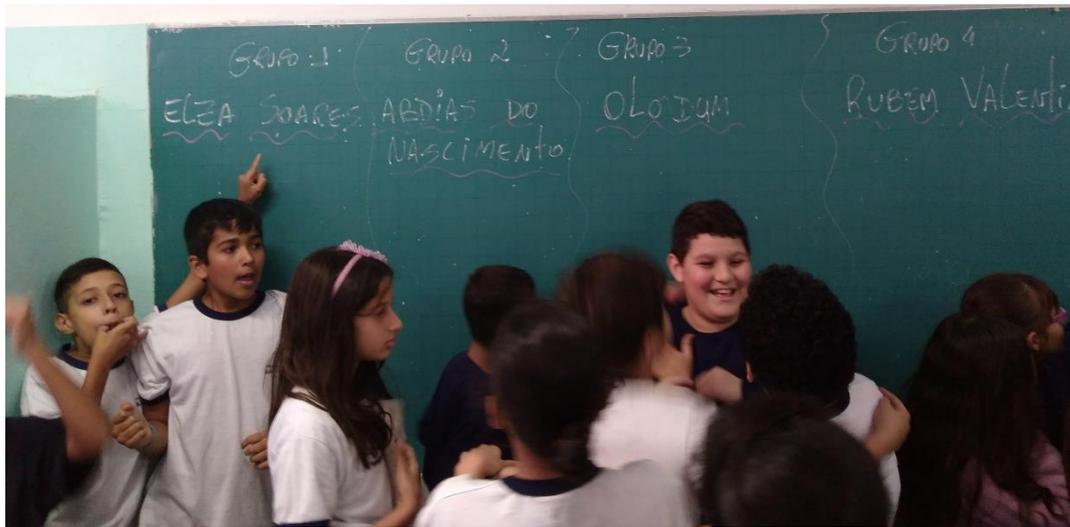


Confecção de cartazes – Tia Cida do Samba

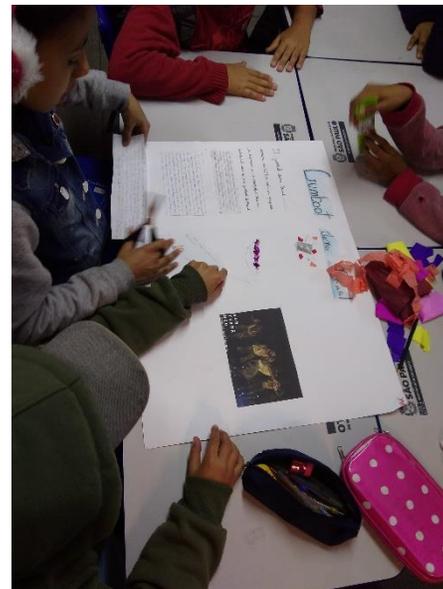
Os(as) artistas trabalhados(as) foram: Elza Soares, Abdias do Nascimento, Cartola, Clementina de Jesus, Olodum, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Grande Otelo, Mussum, Mestre Didi, Mestre Moa do Katendê, Rubem Valentim, Tia Cida do Samba, Gumboot Dance Brasil e Iza.



Apresentação dos grupos – Rubem Valentim



Escolha dos grupos e artistas



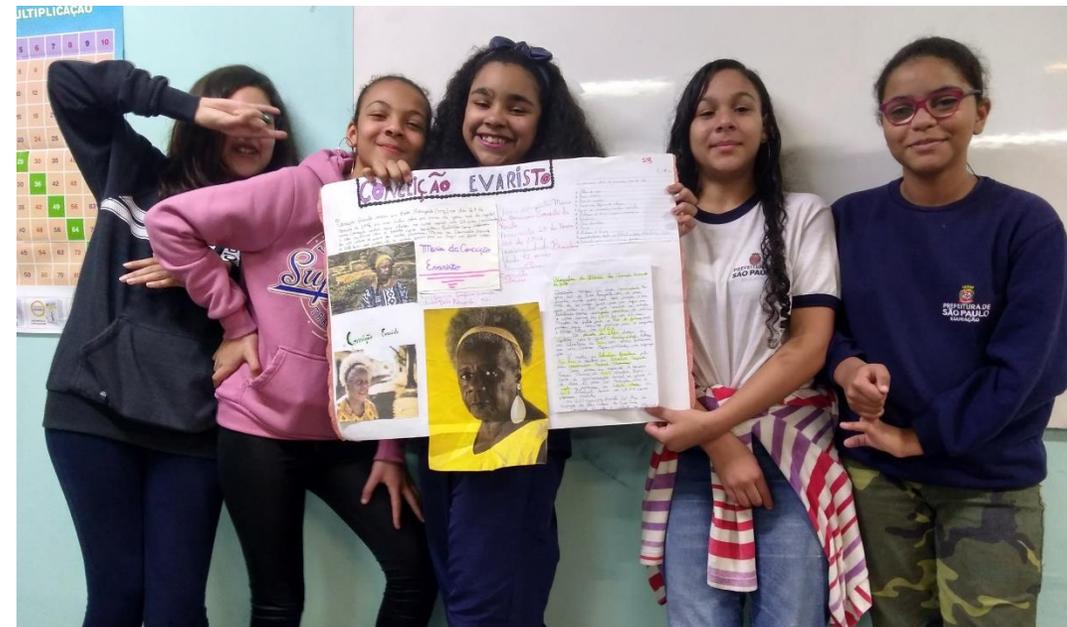
Confeção dos cartazes



Confeção dos cartazes



Apresentação dos grupos – Grande Otelo



Apresentação dos grupos – Conceição Evaristo



Releitura – Elza Soares.

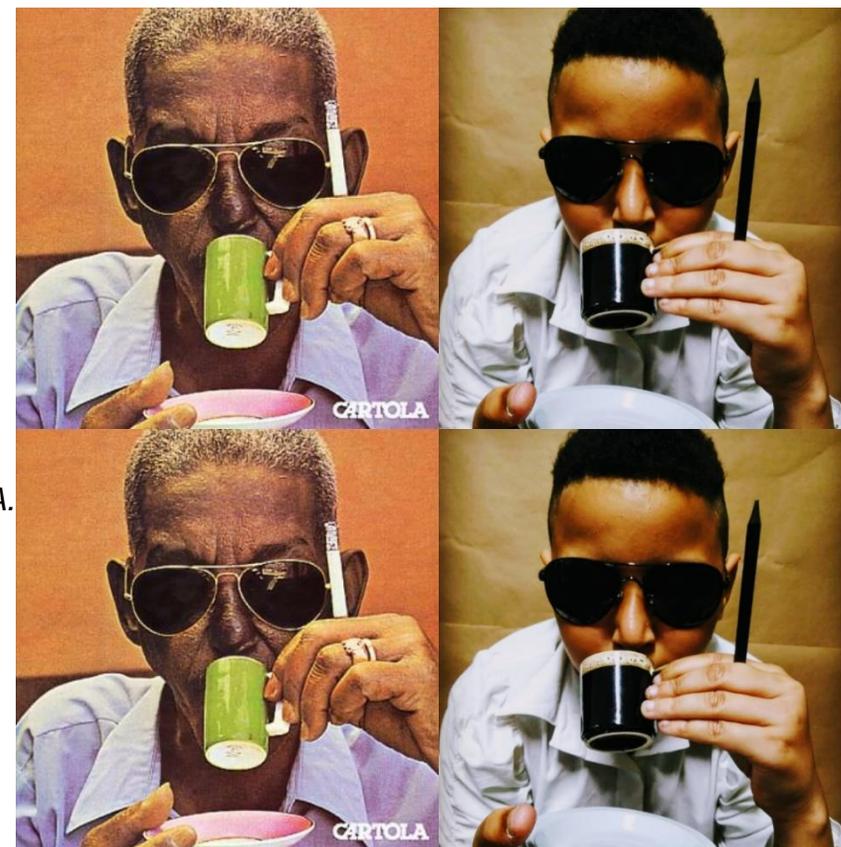
*Durante as pesquisas, houve um processo bonito de identificação de algumas estudantes com as artistas. Um dia, uma estudante me parou no corredor e disse: “Professor, a gente podia fazer uma releitura dos artistas. Por exemplo, eu pareço com a Elza Soares. Eu poderia me vestir como ela!”. Me encantei de imediato. Nos empolgamos e pulamos juntos no corredor. Logo levamos a ideia para outro amigo. Ela seria a Elza Soares e ele seria o Cartola. Juntos aprendemos sobre a importância da representatividade para que as crianças se vissem reconhecidas nas artes estudadas. Sorrimos de felicidade.**

*O processo de pesquisa dos(as) artistas foi muito surpreendente e encantador. Os(as) estudantes se empolgaram tanto durante as pesquisas que me paravam nos corredores da escola para contar suas descobertas e dar ideias.**

*Na hora de escolher os(as) artistas, um grupo de meninas queria muito pesquisar a cantora IZA. Rapidamente ela foi incorporada à nossa lista de artistas, como sugestão das estudantes.**

*Este processo de pesquisa foi muito influenciado pelo artigo “Arte afro-brasileira: uma arte do Brasil mestiço”, de Alexandre Araujo Bispo, presente no livro “Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula”, organizado por Renata Felinto.**

**Reflexões do professor*



Releitura - Cartola



Aula sobre religiosidade afro-brasileira

ARTE AFRO: VENCENDO PRECONCEITOS

CAMINHANDO PARA A DESCONSTRUÇÃO: UM PASSO DE CADA VEZ

3º Bimestre – Religiosidade e resistência negra

Continuando os processos de pesquisa, no terceiro bimestre buscamos estudar as histórias do continente africano tendo como base o livro “O que você sabe sobre a África?”. A biblioteca da escola possuía 20 exemplares deste livro, e por algum tempo pesquisamos juntos, fazendo gincanas para encontrar informações no livro, contando histórias e com rodas de conversa para lermos e estudarmos juntos as histórias dos povos e países africanos.

Após este momento, demos início ao estudo de religiosidades afro-brasileiras. Este talvez tenha sido o estudo mais importante que fizemos. Aqui, pudemos desconstruir profundamente o preconceito dos(as) estudantes com relação às religiões de matriz africana, eliminando termos pejorativos como “macumba”. Estudamos histórias e mitologias dos orixás e a formação das religiosidades afro-brasileiras.

Por último, discutimos sobre padrões de beleza da sociedade e beleza negra. Para isso utilizamos o livro “O mundo no black power de Tayó”, de Kiusam de Oliveira, e vimos referências imagéticas de penteados e turbantes.



Aula sobre religiosidade afro-brasileira, brincando de reconhecer os Orixás

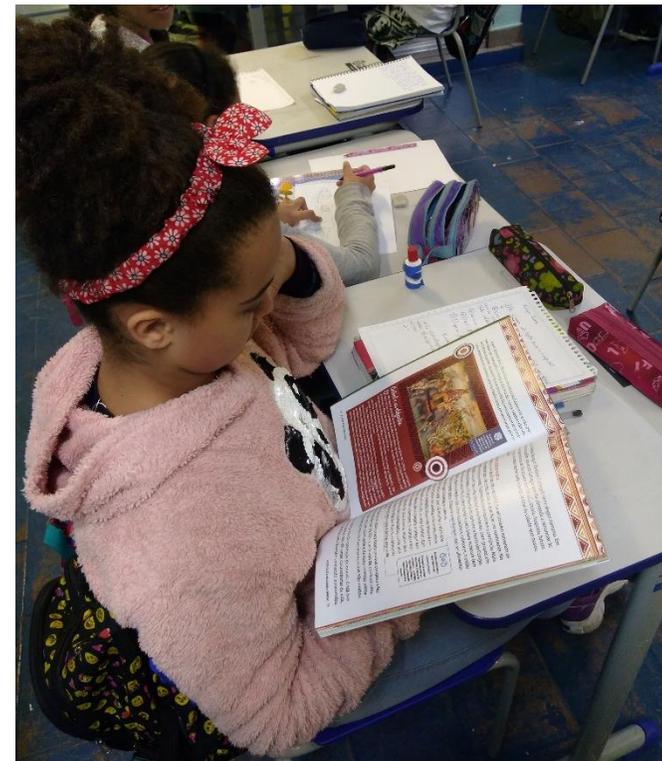
*O estudo das religiões afro-brasileiras foi surpreendente. Pensei que encontraria muito mais resistência em uma comunidade majoritariamente evangélica. Já presenciei muitas brincadeiras preconceituosas entre os alunos com relação a esse assunto. Mas quando começamos a estudar, eles aprenderam a agir com respeito e se interessaram pelo universo dos Orixás. Alguns relacionaram os Orixás a super-heróis, outros gostaram das histórias e cores, outros ainda se encantaram pelos elementos da natureza **



*Exu nas escolas, Exu Nigeriano
Exu nas escolas,
E a prova do ano
É tomar de volta
A alcunha roubada
De um Deus yorubano
(Kiko Dinucci e Edgar – interpretado
por Elza Soares na música Exu nas Escolas)*

*Foi emocionante quando eu estava explicando e um estudante me interrompeu para contar o que sabia sobre Ogum. Ainda cantou músicas para Ogum e explicou como eram as festas de sua família. Foi a primeira vez que viu sua religião representada na escola.**

**Reflexões do professor*



Pesquisa sobre as histórias do continente africano



Aula sobre religiosidade afro-brasileira, brincando de reconhecer os Orixás

ARTE AFRO: VENCENDO PRECONCEITOS

CAMINHANDO PARA A DESCONSTRUÇÃO: UM PASSO DE CADA VEZ

4º Bimestre – Conhecendo um museu, criando nosso próprio museu

Eu queria que as crianças pudessem ter contato com as obras de arte para além dos livros, com uma vivência artística dentro de um espaço cultural. Por isso, organizei um passeio ao Museu Afro Brasil. Foi uma das experiências mais bonitas da minha trajetória como arte-educador.

No dia do passeio, a felicidade reinou entre as crianças. Após a ida ao museu, conversamos muito sobre tudo o que vimos e aprendemos. Então, os(as) estudantes deram a ideia de criarmos nosso próprio museu dentro da escola.

Organizamos uma exposição com as pesquisas que tínhamos feito durante o ano, acrescentando também imagens e criações artísticas dos(as) estudantes. A exposição foi aberta à comunidade no “Dia da Família na Escola” e as crianças puderam compartilhar seus conhecimentos com seus familiares.

Como etapa final do projeto, assistimos e analisamos algumas obras audiovisuais. Vimos alguns trechos do filme “Kiriku e a feiticeira” e assistimos aos curtas: “Vista minha pele” e “Pode me chamar de Nadí”. À partir das obras, discutimos sobre racismo na escola e na sociedade.

Ao final do projeto, realizamos um processo de autoavaliação, lembrando tudo o que fizemos, as contribuições de cada um(a), as atividades que mais gostamos e como se deu a participação individual dos(as) estudantes durante o ano.



Visita ao Museu Afro Brasil



Criação de obra de arte para nossa exposição na escola



Visita ao Museu Afro Brasil

*A organização do passeio foi muito difícil. Não havia verba alguma. Não havia apoio na escola. Consegui que os ingressos do museu fossem de graça, mas o valor do ônibus precisou ser dividido entre os(as) estudantes. Fizemos uma vaquinha nas turmas, para que TODAS e TODOS fossem. Eu sempre dizia: “Eu só vou se todos forem. Eu não deixo ninguém pra trás”. Conseguimos! Fomos em 84 alunos. Apenas 6 não foram, porque os pais tinham compromisso. Passamos o dia no Ibirapuera. Conhecemos o museu. No final do dia chorei de alegria e cansaço.**

*A experiência foi completa: o contato com as obras de arte, as brincadeiras no parque, a bagunça no ônibus. Em apenas um dia eles aprenderam tudo que eu tentava ensinar por todo o ano. No passeio se conectaram com as obras que havíamos estudado. Foi a primeira vez que muitos saíram do nosso bairro, que muitos visitaram um museu. Naquele dia estreitamos nossos laços para sempre. Marcou minha trajetória de professor.**

**Reflexões do professor*



Visita ao Museu Afro Brasil



No ônibus, a caminho do museu



Visita ao Museu Afro Brasil



Visita ao Museu Afro Brasil



Visita ao Museu Afro Brasil



Visita ao Museu Afro Brasil



Visita ao Museu Afro Brasil



Criação de obra de arte utilizando o mapa da África

A ideia de criar um museu na escola partiu dos(as) estudantes. Esta etapa não estava no meu planejamento inicial. Quando voltamos do museu e eu perguntei: “E agora? O que vamos fazer com tudo isso?”, as crianças prontamente me responderam que queriam criar um museu para compartilhar sua experiência com as outras pessoas da escola.*

Todas as ideias de criação artística para nossa exposição partiram dos(as) estudantes.*

Os vídeos de nossa exposição estão no link enviado junto com este projeto.*

*Reflexões do professor



Exposição na escola das obras criadas pelas crianças



Exposição na escola das obras criadas pelas crianças

“Prô, e se a gente escrevesse África com nosso próprio corpo?”



Criação de obra de arte fotográfica utilizando o próprio corpo



Criação de obra de arte utilizando as referências estudadas durante o ano

POR QUEM FOI REALIZADO

O projeto foi planejado apenas por mim. Com a escassez de recursos e pouco apoio da escola, posso dizer que foi um trabalho de resistência. Ele ocorreu durante o curto período das aulas de artes (50 minutos semanais) e com poucos materiais.

Apesar das dificuldades, contei com a ajuda de alguns professores incríveis que colaboraram com as aulas. Em especial o professor William dos Santos, de educação física, que desenvolveu paralelamente um projeto de mancala na escola e contribuiu de maneira essencial para minha formação sobre culturas negras.

Também contei com a parceria da professora Rosana, da sala de leitura, que empolgou-se durante meu projeto e, fortalecendo no apoio às discussões de nossas aulas, começou a trabalhar histórias e mitologia dos orixás também em suas aulas.

Tive também a ajuda dos professores Alessandro e Maísa, que me auxiliaram na ida ao Museu Afro, das professoras dos 5ºs anos Ana Rita e Maria Helena e das professoras de artes Lilian e Aline, que contribuíram com ideias, conversas e motivações.



Parque do Ibirapuera, eu na árvore com as crianças



Parque do Ibirapuera

AVALIAÇÃO E RESULTADOS

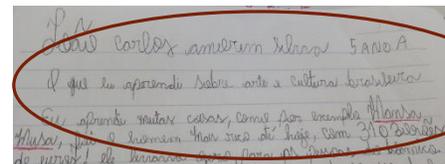
*“Neste lugar, não há pedacitos.
Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades.”
(Mia Couto)*

A avaliação foi processual e autoavaliativa. Durante as aulas e ao final de cada bimestre fizemos conversas de autoavaliação, também com registros escritos. Sempre ao final de cada aula, eu perguntava: “O que pudemos aprender juntos hoje? E o que podemos melhorar para a semana que vem?”. Assim, as avaliações do projeto se deram com base em conversas e cumplicidade entre professor e estudantes, buscando repensar profundamente nossas atitudes e colaborações nas aulas. O interessante deste método avaliativo é que ele também abriu espaço para que os(as) estudantes a todo momento colaborassem com ideias e encaminhamentos para nossas aulas.

Com a criação do nosso museu, foi perceptível uma mudança no padrão de desenhos dos(as) estudantes. Em suas criações artísticas, desde que o projeto aconteceu, vemos muito mais representações de pessoas negras, enaltecendo sua beleza, transgredindo o padrão de imaginário europeu muito presente até então.

Este foi o projeto mais transformador que já realizei. Senti que fui professor-pesquisador mais do que nunca. Fomos aprendendo juntos(as). Eu e as crianças. Fomos nos desconstruindo juntos. Eu e as crianças.

Eles(as) traziam referências junto comigo, assumindo o comando do processo de aprendizagem. Me paravam nos corredores da escola para falar de livros e músicas que tinham encontrado, e dar ideias de criação artística. Foi lindo vê-los(as) tão empolgados(as). Algumas meninas começaram a experimentar novos penteados.



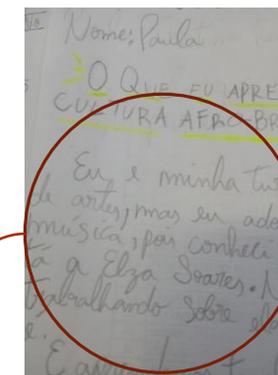
Parte da avaliação final de um estudante

“Eu aprendi muitas coisas, como por exemplo Mansa Musa, foi o homem mais rico até hoje”



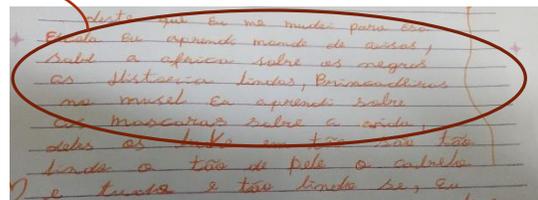
Obra de arte criada por estudantes

“Meu cabelo é minha coroa”



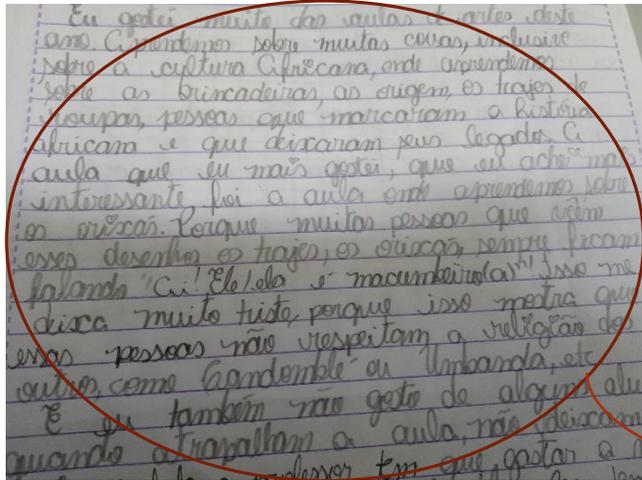
Parte da avaliação final de uma estudante

“A parte que eu mais gostei no museu foi a parte da biblioteca e a história da mulher (Carolina Maria de Jesus) que escreveu tudo que acontecia na sua vida numa folha de papel que achou na rua.”



Parte da avaliação final de um estudante

“Eu adorei muito as aulas de música, pois conheci pessoas novas e gostei muito da Elza Soares”

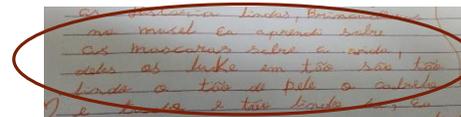


Parte da avaliação final de uma estudante

“Eu gostei muito das aulas de artes deste ano. Aprendemos sobre muitas coisas, inclusive sobre a cultura africana, onde aprendemos brincadeiras, as origens, os trajes de roupas, pessoas que marcaram a história africana e que deixaram seus legados. A aula que eu mais gostei, que eu achei mais interessante foi a aula onde aprendemos sobre os Orixás (...) Isso (o preconceito) me deixa muito triste, porque isso mostra que essas pessoas não respeitam a religião dos outros (...)”

ARTE AFRO: VENCENDO PRECONCEITOS

AVALIAÇÃO E RESULTADOS



Parte da avaliação final de uma estudante

“Eu aprendi sobre as máscaras, sobre a vida deles (africanos). São tão lindos, o tom de pele, o cabelo, tudo é tão lindo”

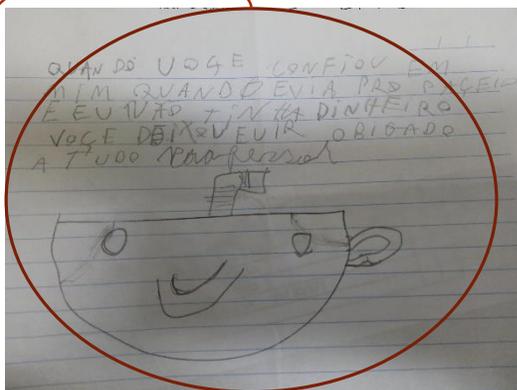
Percebi que o projeto foi transformando também as abordagens pedagógicas dentro da escola. Aos poucos as professoras dos 5ºs anos foram se interessando, e começaram a trazer para suas aulas outras referências de cultura africana, estimuladas pelos(as) próprios estudantes(as). Conseguimos abordar as influências africanas dentro da escola durante todo o ano, favorecendo que algumas professoras repensassem suas práticas pedagógicas.

As crianças sempre traziam para as aulas relatos de suas conversas em casa sobre o que tinham aprendido. Em nossas rodas de conversa, contavam histórias de suas famílias, e empolgavam-se com toda a representatividade de referências que encontravam nas aulas. Ao final do projeto montamos uma exposição na escola aberta à comunidade, envolvendo os familiares na nossa pesquisa. E muitas famílias interessaram-se em visitar o museu Afro Brasil após a realização do projeto.

No final do ano fizemos uma autoavaliação escrita, onde as crianças precisavam contar sobre tudo o que aprenderam naquele ano e atribuir uma nota a si mesmas. Foi lindo poder ler os relatos. Pude ter certeza de que o projeto foi mesmo transformador, para elas e para mim.

Ao final do projeto, todos(as) ficamos emocionados(as). O comportamento dos(as) estudantes mudou completamente. Além de termos estreitado nossos laços afetivos, eles(as) mudaram sua forma de se referir à cultura negra e passaram a agir com mais respeito aos colegas. Penso que este foi um pequeno passo para a luta por uma educação antirracista, mas como diz um provérbio africano: **“A lua anda devagar, mas atravessa o mundo”**.

“Quando você confiou em mim quando eu ia pro passeio e eu não tinha dinheiro você deixou eu ir obrigado a tudo professor.”



Parte da avaliação final de um estudante

REFERÊNCIAS: QUEM ME ENSINOU A APRENDER

REFERÊNCIAS PARA ESTUDO DO ENSINO DE ARTE AFRO:

Site: “Geledés Instituto da Mulher Negra” - <https://www.geledes.org.br/>

Livros: “Mitologia dos orixás”, de Reginaldo Prandi

“Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula”, organização de Renata Felinto

APOSTILA DE JOGOS E BRINCADEIRAS AFRICANAS:

Apostila produzida por Daniela Alfaia da Cunha e Cláudio Lopes de Freitas
<https://www.geledes.org.br/apostilas-jogos-e-brincadeiras-africanas-e-afro-brasileiras/>

HISTÓRIAS CONTADAS EM SALA DE AULA:

Livros: “A Força da Palmeira”, de Anabella Lopez

“Obax”, de André Neves

“O mundo no black power de Tayó”, de Kiusam de Oliveira

AULA DE MÚSICA:

Livro “Música Africana na Sala de Aula - Cantando, Tocando e Dançando Nossas Raízes Negras”, de Lilian Abreu Sodré. Música Chai, Chai.

Músicas: Elza Soares - “Maria da Vila Matilde” e “O que se Cala” / Cartola - “O sol nascerá” / Iza “Ginga” / Tia Cida do Samba “Tia Cida dos Terreiros”.

DANÇA:

Grupo “Gumboot Dance Brasil”

<https://www.facebook.com/gumbootdancebrasil/>

“Mestre não é quem ensina,
mas quem, de repente, aprende.”
(João Guimarães Rosa)

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS:

Filme: “Kiriku e a feiticeira” - <https://www.youtube.com/watch?v=duDByEwf1x0>

Curtas: “Vista minha pele” - <https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>

“Pode me chamar de Nadí” - <https://www.youtube.com/watch?v=HNmizIrrJKU>

LIVROS USADOS COMO MATERIAL DE APOIO EM AULA:

“O que você sabe sobre a África?”, de vários autores

“Ápis: arte, 4º e 5º ano: volume único”, de Eliana Pougy



Pesquisa sobre as histórias do continente africano
Utilizando o livro “O que você sabe sobre a África?”



Obra de arte criada por estudantes

ARTE AFRO: VENCENDO PRECONCEITOS